

O Brasil no Imaginário Coletivo¹

Larissa Caldeira de FRAGA²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Há mais de 500 anos o país é retratado pelo olhar do outro. As características brasileiras são evidenciadas na literatura e nos estudos de inúmeros pensadores. Este trabalho se propõe a identificar os imaginários sobre o Brasil traçados pelos autores Buarque (2013), Damatta (1986), Durand (1996), Joron (2015), Pitta (2015), Silva (1996), Tacussel (2015) e Zweig (1960). O imaginário coletivo sobre o país começou a ser dinamizado com a carta de Pero Vaz de Caminha, retratando o seu descobrimento. Hoje as características do nosso espírito são reforçadas principalmente na mídia.

Palavras-chave: imaginário; imaginário coletivo; comunicação; Brasil.

Introdução

Brasil, terra de samba, futebol, praias e da beleza feminina. Além dos estereótipos reforçados na literatura e na mídia, há um conjunto de características do país que são dinamizadas ao longo dos séculos e que se perpetuam. Traços destacados no descobrimento, são valorizados até hoje. Ao longo dos anos, se constituíram diversos discursos sobre o país, que representam alguns imaginários.

O imaginário destacado aqui se refere ao olhar do outro, como o país é visto através do ponto de vista do estrangeiro. Desde a carta de Pero Vaz de Caminha contando sobre os encantos do Brasil, o nosso modo de vida é propagado pelo mundo. Muitas vezes, somos referência em violência, criminalidade, corrupção e belezas das praias e mulheres. Essas são algumas das afirmações feitas pelos autores analisados neste trabalho e que assim, constituem parte do imaginário nacional.

A mídia dinamiza o imaginário coletivo sobre o Brasil. Nos comerciais, as praias brasileiras são retratadas pelo cenário paradisíaco e belas mulheres, utilizados para impulsionar a venda de produtos. No cinema, a violência choca. A música e o carnaval revelam os nossos aspectos culturais. O futebol também é inerente ao imaginário do país.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginários do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Social pela PUCRS, e-mail: larissacfraga@gmail.com

Este trabalho faz parte do referencial teórico da dissertação em andamento “O Brasil no imaginário coletivo. A cobertura dos Telejornais CNN Newsroom e BBC News na Copa do Mundo de 2014”.

Imaginário Coletivo

Para Legros (et al. 2014), a vida dos homens é submetida a imaginários, sejam eles representados nas artes (cinema, fotografias) e nas construções mentais e coletivas individuais. “O imaginário, assim, diz respeito a uma civilização: circula através da história, das culturas, dos grupos sociais (...) O imaginário alimenta e faz o homem agir. É um fenômeno coletivo, social, histórico” (LEGROS et al., 2014, p.10)

Michel Maffesoli (2001) defende que o imaginário é um estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado Nação e de uma comunidade. Silva (2012) acredita que não é um mero álbum de fotografias mentais, muito menos um museu da memória coletiva e social. É “uma rede etérea ou movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (SILVA, 2012, p.9).

O imaginário não pode ser confundido com cultura. Silva (2012) destaca que o que separa uma cultura da outra é o imaginário. É a representação que cada cultura faz de si mesma. Imaginário e cultura coabitam e coexistem, mas não se equivalem. “A cultura é um dado objetivo; o imaginário, a subjetividade compacta e inexorável. A objetividade da cultura diluiu-se nas águas pesadas da atmosfera imaginal.” (SILVA, 2012, p.16). Maffesoli (2001) explica que a cultura é mais ampla, ela não se reduz ao imaginário. “A cultura é um conjunto de elementos e fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo” (MAFFESOLI, 2001, p.75). A cultura pode ser identificada através do teatro, literatura, música, fatos do cotidiano, costumes, maneira de vestir. Já o imaginário, segundo o autor, está em uma dimensão ambiental, uma atmosfera. É uma força de ordem espiritual. Uma construção mental.

Insisto que há proximidade entre cultura e imaginário. Neste sentido, pode-se dizer que o imaginário é a cultura de um grupo. Contudo, se voltarmos ao que foi dito, veremos que o imaginário é, ao mesmo tempo, mais do que essa cultura: é a aura que ultrapassa e alimenta. (MAFFESOLI, 2001, p. 76)

Na obra Campos do Imaginário, Durand (1996) aborda em um capítulo O imaginário lusitano e brasileiro. Apesar do Brasil ter sido conquistado por Portugal, o

imaginário dos dois países é inverso. Enquanto a história lusitana é marcada por conquistas da navegação, a diversidade cultural permeia o imaginário brasileiro. Durand apresenta o imaginário do país através de aspectos históricos, geográficos, culturais e literários.

Enquanto o imaginário português era assombrado pelo apelo do largo e pelas virtudes viris impostas pela árdua e longa navegação e pelo estado de alerta associado aos desembarques e aos recontros inesperados, o imaginário novo do Brasil está enterrado na gigantesca terra (80 vezes a superfície de Portugal) tão variada que se estende da Amazonia ao Rio Grande do Sul. Imaginário da terra, e quem diz terra diz feminilidade. Pura constelação imaginária à partida, onde a fecundidade agrícola, a fecundidade fluvial e a fecundidade florestal se conjugam com o ventre mineiro do Eldorado. (DURAND, 1996, p. 200)

Depois de conceituado o termo imaginário, pode-se entender o imaginário coletivo. O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung criou o conceito de inconsciente coletivo. A noção de inconsciente de Jung revolucionou os estudos da psicanálise, pois ultrapassou a perspectiva freudiana. Segundo Jung (1987), além de conter os aspectos repressivos, defendidos por Freud, o inconsciente compreende todo o material psíquico que integra e subjaz a consciência. “O inconsciente contém todos aqueles componentes psíquicos subliminais, inclusive as percepções subliminais dos sentidos (...) o inconsciente também inclui componentes que ainda não alcançaram o limiar da consciência”. (JUNG, 1987, p. 3). Ele pode constituir novos conteúdos conscientes e nunca está em repouso, pois tem o papel de agrupar e reagrupar conteúdos. Esses conteúdos são pessoais, de forma que foram agrupados durante a existência do indivíduo.

Os conteúdos inconscientes são de natureza pessoal quando podemos reconhecer em nosso passado seus efeitos, sua manifestação parcial, ou ainda sua origem específica. São partes integrantes da personalidade, pertencem a seu inventário e sua perda produziria na consciência, de um modo ou de outro, uma inferioridade. (JUNG, 1987, p.13)

Por outro lado, supera o âmbito pessoal. O inconsciente possui conteúdos coletivos relativamente ativos. Para Jung (1987), o simbolismo encontrado nos sonhos e fantasias, os instintos básicos e a forma do pensamento são fatores coletivos. A relação da psique social com a coletiva corresponde, de certa forma, com o envolvimento do indivíduo com a sociedade. O indivíduo não é só um ser singular, mas um ser social. A psique humana não é também algo isolado e individual, mas também um fenômeno coletivo.

Quanto maior for uma comunidade e quanto mais a soma dos fatores coletivos, peculiar a toda grande comunidade, repousar sobre preconceitos conservadores, em detrimento da individualidade, tanto mais o indivíduo será moral e espiritualmente esmagado. O resultado disso é a obstrução da única fonte de progresso moral e espiritual da sociedade. Nestas condições só poderão prosperar a socialidade e o que é coletivo no indivíduo. Tudo que nele for individual submerge, isto é, está condenado à repressão: os elementos individuais caem no inconsciente onde, geralmente, se transformam em algo de essencialmente pernicioso, destrutivo e anárquico. (JUNG, 1987, p.27)

O psiquiatra também acredita que todos homens e mulheres têm o seu lado feminino e masculino, respectivamente. “Não há homem algum tão exclusivamente masculino que não possua em si algo feminino” (JUNG, 1987, p.65). O caráter feminino inerente ao homem esclarece a feminilidade do complexo anímico. A *anima* se refere a esse aspecto feminino. Por outro lado, o *animus* está ligado ao masculino. Os dois aspectos se confrontam. Jung (1987) acredita que a *anima* produz caprichos e o *animus* produz opiniões. Será visto que Durand relaciona o imaginário brasileiro à *anima* e à natureza feminina. “Há uma imagem coletiva da mulher no inconsciente do homem, com o auxílio da qual ele pode compreender a natureza da mulher. Esta imagem herdada é a terceira fonte importante da feminilidade da alma” (JUNG, 1987, p. 66).

Jung (1987) enfatiza que os processos do inconsciente coletivo não compreendem apenas as relações pessoais de um indivíduo com o seu grupo ou sua família, mas diz respeito à comunidade humana em geral. Os instintos básicos e formas fundamentais do pensamento e sentimento são coletivos. O que os homens concordam em considerar como geral é coletivo. O que todos compreendem, dizem e fazem também faz parte do coletivo.

O fenômeno coletivo explica o fato de que povos e raças de tempos distintos tenham processos de consciência similares. A semelhança dos cérebros determina uma função mental similar. O inconsciente coletivo contém arquétipos, que seriam imagens primordiais. Se referem a caminhos virtuais herdados. “Mediante a forma primitiva e analógica do pensamento peculiar aos sonhos, essas imagens arcaicas são restituídas à vida” (JUNG, 1987, p.13).

As ideias de Jung inspiraram os estudos de Maffesoli. Para este autor, só existe imaginário coletivo. “O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p.76). Na pós-modernidade, reflete o tribalismo. É um patrimônio de um grupo, que transfigura um conjunto de sensações e estilos de vida.

O Brasil no Imaginário Coletivo

Em 22 de abril de 1500, o imaginário coletivo sobre o Brasil começou a ser traçado. A sua descoberta inicia juntamente com o desenvolvimento do seu imaginário. O olhar do outro, no caso dos seus desbravadores, mostra as primeiras impressões, sensações e peculiaridades do país e o início da formação da ideia sobre a nova nação. A carta de Pero Vaz de Caminha propaga um imaginário difundido pela perspectiva do estrangeiro. Assim começa a dinamização da imagem brasileira perante a alteridade.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é toda praia parma, muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque, a estender olhos, não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. (CARTA³DE PERO VAZ DE CAMINHA, Maio de 1500)

Belezas naturais, o modo de vida indígena, falta de atividade pecuária, inexistência de credo religioso e a ingenuidade dos nativos chamaram a atenção dos portugueses. Aconteceu um choque cultural e de imaginários. Os lusitanos decidiram colonizar o país e implantar o modo de vida europeu, com seus hábitos e crenças. Assim, nasce o imaginário brasileiro, marcado pelo olhar do outro e sua influência na vida dos nossos primeiros povos.

Esse imaginário da descoberta é marcado pela exaltação das belezas da terra, da imensidão do território e das águas, e das riquezas minerais. Passados mais de quinhentos anos, desde a constatação dessas características, os aspectos deste imaginário ainda são vistos em muitos discursos ligados ao Brasil.

³ Biblioteca Virtual. Disponível em <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/perovazcaminha/carta.htm>> Acesso em 15 de junho de 2016.

Joron⁴ (2015) acredita que a cultura de um país é maior que o seu imaginário. Esse imaginário pode ser diferenciado. Depende de quem observa.

O imaginário que a gente tem da cultura brasileira, faz parte da realidade da cultura brasileira. “Tô” sendo bastante básico. A cultura é muito mais ampla, muito mais rica do que a imagem que a gente pode ter desta cultura. Ao mesmo tempo, como eu tinha dito antes, o imaginário permite muitas interpretações possíveis. De qualquer forma, quando a gente fala de imagem, o símbolo é a forma de imagem, o símbolo ele é a emanção de um mistério, a epifania de um mistério, é o que fala Durand. Então, as interpretações, as maneiras de imaginar o real são infinitas e são diversas, e muito diversas. Então, por um lado, a cultura para vocês é muito maior que a imagem, representação de um francês qualquer, pelo menos de alguém que não é brasileira pode ter. Por outro lado, ela vai imaginar coisas que você nunca imaginou, então paradoxo. (JORON, 2015)

Durand (1996) aborda o imaginário brasileiro a partir de características históricas, culturais, geográficas e econômicas. O antropólogo comparou o imaginário brasileiro ao do seu colonizador lusitano. O imaginário português é influenciado pelas “virtudes viris” impostas pelas descobertas e navegações. Já o imaginário brasileiro estaria ligado à terra, à feminilidade, influenciada pela fecundidade agrícola, fluvial e florestal. Essa pulsão feminina, marcada pela *anima* e pela força da mulher brasileira, faz parte do inconsciente do país.

Segundo Durand (1996), as profundezas da alma brasileira são a mística da enorme natureza feminizada. Para o autor, o imaginário brasileiro apresenta um paradoxo ao patriotismo lusitano. Portugal demonstra “mitolusismos” que confortam a alma portuguesa dos perigos do oceano. Já o Brasil se destaca devido à miscigenação, a convivência entre raças distintas, que se unem quando visam algum objetivo em comum.

E o imenso império tão diverso devido às suas raças, às suas misturas, aos seus desnivelamentos culturais, às suas desigualdades econômicas e sociais, mas onde índios do norte, escravos negros do nordeste, paulistas de origem portuguesa, alemã e italiana ficam extraordinariamente unidos quando a matéria se encontra ameaçada. (DURAND, 1996, p. 203)

Também é percebido nas palavras de Durand o imaginário do descobrimento, refletido na natureza e na alma feminina. O sincretismo também é reverenciado pelo autor. Múltiplas crenças, religiões, país de todos os santos. Os imaginários de Brasil e Portugal, apesar de inversos, estão ligados à língua portuguesa. Há uma complementaridade cultural,

⁴ Entrevista concedida à autora deste trabalho durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS em novembro de 2015.

que permite a convivência da velha civilização da Europa com o novo mundo. Este é exemplo de diversidade e multiculturalismo.

A antropóloga Danielle Perin Rocha Pitta, uma das pioneiras do estudo do imaginário no Brasil, orientanda de Durand, também retrata o imaginário brasileiro. A complexidade marca o nosso país. Há uma diversidade na formação étnica que “não só diz respeito às diversas culturas em presença, mas à maneira original como cada Estado do Brasil construiu seu sincretismo próprio; diversidade de trajetórias históricas de um Estado para outro; diversidade da organização econômica de cada um” (PITTA, 2015, p. 30). Há também um dinamismo no nosso modo de ser e se relacionar.

Dinâmica: uma organização política em que os personagens transitam de um partido para outro, em que os próprios partidos frequentemente mudam de alianças, em que os ministérios são renovados o tempo todo; uma organização econômica na qual, durante décadas uma inflação galopante impedia qualquer projeto individual a longo prazo; na qual nunca se sabe quais serão exatamente os direitos do cidadão (aposentadoria, dedução de impostos, etc.) amanhã; em que o nome e o valor da moeda está em constante mudança, etc. (PITTA, 2015, p. 30)

Tacussel enfatiza⁵ que o Brasil também é visto pelos seus contrastes. Os franceses tendem a ver o país em diversas percepções. Entre elas, estão os franceses que não conhecem o Brasil pessoalmente, apenas pela televisão. E têm os que conferiram a realidade de perto. Há algum tempo o país foi associado a uma sociedade festiva, em que a festa tem um lugar central. E isso tem a ver com as transmissões do carnaval do Rio de Janeiro. Também é associado ao futebol e à música. “Podemos dizer que esses são os três pilares, festa, futebol e música, entre os europeus e os franceses, na representação do Brasil no imaginário europeu e em particular no francês”. (TACUSSEL, 2015)

O sociólogo também ressalta a violência como parte desse imaginário. Principalmente para quem nunca veio ao Brasil, o país é considerado como extremamente violento, porque constantemente são vistas imagens de confrontos nas favelas. Por outro lado, se sabe que a violência não é a mesma em todos os lugares do Brasil. Há uma diferença entre o nordeste e o Sul. Apesar deste aspecto negativo, a música brasileira é vista com bons olhos. Cantores franceses regravam clássicos brasileiros, como Garota de Ipanema.

⁵ Entrevista concedida à autora deste trabalho durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS em novembro de 2015.

Há também uma outra imagem ligada ao país, a de cartão postal. É associada à beleza das praias e das mulheres. Para vender produtos de praia, eles não usam imagens do litoral europeu, mas sim a praia de Ipanema. “Isso é muito interessante do ponto de vista do imaginário, pois quando as marcas francesas querem vender um produto, muito frequentemente filmam não as praias da Espanha, Itália; mas quase sempre as do Brasil ou de países como a República Dominicana” (TACUSSEL, 2015).

O Brasil também transita entre o paraíso e o inferno, quando se refere ao seu imaginário. O paraíso é a música. Há também um padrão de beleza feminino que é explorado pela publicidade. As revistas femininas mostram como ter o corpo de uma brasileira. Na moda também tem influência. As sandálias havaianas são vendidas como se fossem brasileiras, mas na verdade são feitas na França. O futebol também era considerado na Europa como algo imbatível, mas isso mudou. “Quando a França ganhou do Brasil, na Copa do Mundo, é que a coisa mudou um pouco. Houve também a noção de que os franceses também poderiam ganhar” (TACUSSEL, 2015).

A questão do corpo e da beleza das brasileiras é considerado algo marcante para Tacussel.

Há uma imagem do Brasil associada à música, ao corpo, à diversão do corpo, principalmente para as mulheres, mas igualmente para os homens, porque na publicidade vemos os homens que estão na praia. Uma ideia que é vinculada pela bossa nova, por Gilberto Gil, por Chico Buarque, é a sensualidade. Há um aspecto de sensualidade que nós não podemos dizer de uma jovem da Alemanha. E então, não usam as alemãs, como a Cláudia Schiffer, por exemplo, pra vender a beleza, mas pra vender carros. (TACUSSEL, 2015)

São percebidos nas palavras do sociólogo, aspectos do imaginário do descobrimento, quando ele se refere às belezas do país e das mulheres. Além disso, fica evidente a presença do imaginário da festa, que compreende a música, o samba e o carnaval. O imaginário do medo se reflete na referência à violência.

Joron (2015) destaca que o imaginário sobre o Brasil mudou na França, principalmente com a divulgação de documentários sobre o país, que permite uma maior análise. Esses filmes não mostram só a violência nas favelas, por exemplo, mas também as formas de sociabilidade nas comunidades. “Apesar disso, é claro que vincula formas de estereótipos, os cartões postais. Então, é a violência, e é bonita, a praia e o bumbum, os coqueiros, carnaval também”. (JORON, 2015).

Roberto DaMatta retrata o jeitinho brasileiro e a figura do malandro. O antropólogo enfatiza que o dilema brasileiro reside entre as leis universais cujo sujeito é o indivíduo e situações em que cada um se despacha como pode, usando seu sistema de relações pessoais.

Haveria assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoas (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro (DAMATTA, 1986, p. 96)

Damatta destaca que o brasileiro age diante da lei diferente dos norte-americanos e europeus. Eles obedecem às regras ou elas não existem. Nesses locais, a lei não é feita para explorar ou submeter o cidadão. É um instrumento que faz a sociedade funcionar bem. No Brasil “a lei sempre significa o ‘não pode!’ formal, capaz de tirar todos os prazeres e desmanchar todos os projetos e iniciativas” (DAMATTA, 1986, p. 98). O autor acredita que a palavra “não” submete o cidadão ao Estado, usado de forma geral e constante. Por isso, foi aperfeiçoado um modo, um jeito, que passa sempre nas entrelinhas do autoritário “não pode”.

O antropólogo revela que o “jeitinho” é sustentado em três atos. No primeiro, a pessoa é ignorada, em razão da sua aparência ou modo de apresentação. Chega a um local para ser atendida por um servidor público, que não sabe quem é essa pessoa. “Essa distinção entre a humildade de quem chega e a superioridade de quem está protegido atrás do balcão da instituição é, aliás, um elemento forte na hierarquização das posições sociais”. (DAMATTA, 1986, p. 99). No segundo ato, o funcionário demora a atender à solicitação e complica a situação. Assim, cria-se um impasse. No último ato, há uma solução que ajuda a ver a forma de navegação social.

A malandragem faz o mesmo. “O malandro seria um profissional do jeitinho e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis” (DAMATTA, 1986, p. 102). Há um relacionamento entre o talento pessoal e as leis que o engendram. Nele, há o uso de “histórias” e “contos do vigário”, artificios usados para tomar partido em situações.

O malandro brasileiro foi retratado pela Disney, companhia de mídia norte-americana. Zé carioca é um personagem de desenho criado para o filme “Alô, amigos”, em 1942. Na história, Zé apresenta para o Pato Donald a cachaça e o samba. O papagaio

sempre escapa dos problemas com um jeitinho característico. É mostrado como simpático, festeiro e vagabundo⁶.



Figura 1 – Zé Carioca. O malandro da Disney.

Fonte: http://www.dinamo.art.br/wordpress/wp-content/uploads/2012/07/ze_carioca1.jpg

O escritor Stefan Zweig descreveu com entusiasmo a cultura brasileira. O austríaco se encantou com o país em sua primeira visita. Retornou ao país e viveu aqui até a sua morte.

Minhas expectativas não eram lá muito grandes. Eu tinha sobre o Brasil a ideia pretensiosa que sobre ele tem o europeu e o norte-americano, e agora tenho dificuldade de recordá-la. Imaginava que o Brasil fosse uma república qualquer das da América do Sul, que não distinguimos, bem uma das outras, com clima quente, insalubre, com condições políticas de intranquilidade e finanças arruinadas, mal administrada e só parcialmente civilizada nas cidades marítimas, mas com bela paisagem e com muitas possibilidades não aproveitadas - país do qual se pudesse esperar estímulo para o espírito. (ZWEIG, 1960, p. 3)

Mas conforme conhecia o país, a ideia sobre ele mudava. Zweig (1960) enxergava o país com muito otimismo, tanto que falava que o Brasil “está destinado a ser um dos mais importantes fatores de desenvolvimento futuro do mundo” (ZWEIG, 1960, p. 4). O tamanho do território brasileiro o espantava, era maior do que os Estados Unidos. Ao chegar no Rio de Janeiro, ficou fascinado com uma das mais lindas paisagens do mundo. A mistura de mar e montanha, cidade e natureza deixou o austríaco impressionado.

Além do Rio, Zweig (1960) conheceu São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Recife. Ele deixa claro que essa é apenas uma parte do país, que deveria ser considerado continente. Para o autor, o país era o futuro prospero. Sensibilizado com o nazismo na europa, Zweig (1960) também admirava a relação e convivência pacífica entre muitas raças. “Com maior admiração verifica-se que todas essas raças, que já pela cor evidentemente se distinguem umas das outras, vivem em perfeito acordo entre si e, apesar de sua origem diferente,

⁶ Guia dos quadrinhos. Disponível em <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/ze-carioca-\(jose-carioca\)/3191](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/ze-carioca-(jose-carioca)/3191)> Acesso em 15 de junho de 2016.

porfiam apenas no empenho de anular as diversidades de outrora” (ZWEIG, 1960, p.8). A raça aqui seria um meio de união nacional.

O autor destaca que as nações com maior produtividade, consumo e renda são valorizadas. Mas para Zweig (1960) o que mais vale é o espírito pacífico e humanitário de um povo. Por isso, é o país do futuro, onde não há guerra, onde o espírito de conciliação fala mais alto. Essa era a esperança para um mundo “desvatado pelo ódio e pela loucura” (ZWEIG, 1960, p. 12).

Em sua tese, Silva (1996) escreve sobre o futuro e o presente na cultura brasileira. O jornalista relata a passagem do futurismo ao presenteísmo. Há um avanço na construção do presente pelos brasileiros.

“O Brasil é o país do futuro” é uma noção vulgar, espécie de intuição popular enraizada no imaginário social ou no conjunto de crenças e imagens do Brasil sobre si mesmo. Tomar essa bela utopia como síntese da representação da identidade brasileira pode ser mais produtivo que amordaçá-la com as amarras do discurso científico e acadêmico. Em resumo: existiu no Brasil até cerca de 1985 um mito, um sonho, uma fantasia e mesmo uma certeza: o futuro faria do Brasil a locomotiva do mundo. (SILVA, 1996, p.14)

O Brasil era representado como o país do futuro, apesar da pobreza, das crises econômicas e da ditadura militar. Segundo Silva (1996), com a implantação da democracia, na década de 1980, houve uma mudança na dinâmica social. Acabou o sonho, passamos ao presenteísmo. Isto está ligado à passagem da modernidade à pós-modernidade. A modernidade é caracterizada como a era da utopia, apoiada no mito de Prometeu, da conquista da natureza e do saber absoluto através de narrativas legitimadoras, como o marxismo. Com o título de “país do futuro”, o Brasil absorveu esse espírito utópico. Por outro lado, a pós-modernidade é presenteísta.

Silva (1996) critica intelectuais que se apoiam na teoria da falta: falta educação, solidariedade, honestidade, vontade de trabalhar. Assim, podia-se chegar ao mito da inferioridade racial. Ao falar de Zweig, Silva (1996) acredita que o austríaco fez do futuro a representação elementar do país.

As elites não se cansaram de reproduzir o gentil elogio do célebre escritor. Paradoxalmente, o progresso, garantia de que o futuro pertenceria ao Brasil, tomava impulso junto com práticas que, conforme os prognósticos, deveriam desaparecer com o desenvolvimento do capitalismo, entre elas o carnaval, a festa popular, a instância da empatia, do transbordamento, da

alegria, da relação, do estar junto e do irracional. (SILVA, 1996, p. 102)

Para o autor, o carnaval e o futebol serviram para consolidar a representação de país do futuro. Sob o ponto de vista da pós-modernidade, é revelado que os brasileiros anseiam por mudanças, apoiam a diversidade “orgulham-se do barroquismo, rejeitam fórmulas autoritárias, desconfiam dos políticos tradicionais, sonham com os dias mais confortáveis, mas enterram o mito do futuro ideal e têm os pés firmes no chão do presente” (SILVA, 1996, p. 267).

Outro autor trabalhou com a ideia do “país do futuro” de Zweig. Buarque (2013), no livro “Um país do presente”, aborda a imagem brasileira internacionalmente. Ele tenta entender como os norte-americanos veem o Brasil. O jornalista acredita que o país chegou ao presente. Tornou-se exemplo internacional. Em 2011, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, disse que o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva era “o cara”.

Buarque (2013) retrata a realidade brasileira no período de “vacas gordas”. A economia cresceu juntamente com o interesse dos veículos internacionais pelo país. O que mais impressionava a mídia do exterior era como o Brasil não sofreu influência durante a crise financeira que afetou o mundo em 2008. As conquistas destacadas pela mídia eram a estabilidade e o crescimento econômico que levaram à conquista da sede da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Esses fatores levavam a crer que o Brasil poderia se tornar uma potência internacional.

O fato é que o Brasil é lembrado, é conhecido, e reconhecido cada vez mais nos Estados Unidos. Perguntei a cada um dos mais de cem entrevistados, e ouvi de pelo menos 95% deles que, sim, o Brasil está ganhando mais atenção dos americanos, e sabe-se cada vez mais sobre o país. O conhecimento é real, mesmo considerando os próprios americanos, especialmente a elite intelectual, costumam criticar a falta de interesse dos seus compatriotas em relação a qualquer país que seja seu. (BUARQUE, 2013, p. 26)

O autor acredita que para uma grande parte alienada do planeta, que não acompanham os noticiários, o Brasil é um desconhecido. “Um país distante, latino, que aparece vez por outra na mídia e de onde saíram alguns personagens populares na vida delas, como Pelé, Paulo Coelho, Gisele Bündchen, depilações das partes íntimas e tratamentos para alisar os cabelos” (BUARQUE, 2013, p. 30).

Na economia, houve uma evolução no final dos anos 2000. Isso ocorreu por dois motivos, segundo informações obtidas por Buarque (2013) em entrevistas. O primeiro foi a

mudança do perfil do presidente Lula quando chegou ao poder. O outro foi a reforma em 1994, com o Plano Real, que acabou com a temível inflação. “O Brasil está vivendo um momento parecido com o que os Estados Unidos viveram nos anos 1950, em que muitas pessoas estão tendo os seus primeiros carros e produtos domésticos, e isso pode ajudar as pessoas encarregadas de vender produtos ao Brasil” (BUARQUE, 2013, p.66).

Lula foi eleito pelo jornal britânico Financial Times como uma das 50 personalidades que moldaram a última década. Também foi escolhido como “o homem de 2009” pelo jornal Le Monde. Na mesma época, recebeu o título de personagem do ano pelo jornal espanhol El País. Na política, o então presidente conseguiu tornar o país mais relevante internacionalmente. Outro fato, apontado pelo autor, que tem impacto na política internacional é a corrupção. Questão que impacta o país hoje com a denúncia de que o ex-presidente Lula estar envolvido em um esquema corrupto.

Dentro da abordagem da política brasileira nos Estados Unidos, um dos temas que mais atrai a atenção e deixa os estrangeiros chocados é a corrupção. Não que seja um mérito puramente brasileiro, e mesmo nos Estados Unidos não chega a ser raro ver escândalos de tráfico de influência e poder, mas impressiona o fato de que no Brasil não há punição para os corruptos, que muitas vezes voltam logo em seguida ao poder. (BUARQUE, 2013, p. 93)

Buarque (2013) demonstra que os corruptos não renunciam, não são punidos e não devolvem o dinheiro subtraído aos cofres públicos. A solução apontada pelo jornalista é promover uma reforma política, para haver impactos em poucos anos e surgir uma nova classe política.

Considerações Finais

A partir dessas características econômicas, culturais e políticas podemos apresentar parte do imaginário coletivo sobre o Brasil. Através do referencial apresentado, pode-se apontar algumas faces dos imaginários brasileiros. Um país tão dinâmico não pode se reduzir a apenas um imaginário.

O imaginário do descobrimento reflete o primeiro olhar dos nossos colonizadores. Demonstra os encantos com o desconhecido. Este imaginário formado há mais de 500 anos, ainda está presente nos estudos e discursos dos autores estudados hoje. Toda vez que um estudioso aborda a beleza das brasileiras, da praia, da riqueza natural e visual, ele está se referindo a este imaginário que está no cerne da fundação do país.

Também faz parte do imaginário do país a festa, que remete aos aspectos culturais. O samba, a música e o carnaval são as representações. A alegria, a diversão, a ideia de celebrar a vida faz parte da alma brasileira. Damatta (1997) defende que o carnaval é uma festa especial, uma bagunça, um momento em que as regras e rotinas são modificadas. O carnaval nos permite sentir a nossa própria continuidade como grupo. Tacussel (2015) afirma que essas características de festa e alegria são o paraíso do país. Já o inferno seria a violência. Esse imaginário é alimentado constantemente através da cobertura da mídia. E, às vezes, é projetado internacionalmente através do cinema.

O futebol também compõe um dos imaginários. Esporte praticado pela maioria, que não exclui por cor, credo ou classe social. Cada parcela da população escolhe o seu time do coração. Vive através desse clube alegrias e tristezas, excessos de raiva e paixão. Une em torno do aparelho de televisão ou nos gritos das arquibancadas dos estádios. Os imaginários da festa, do futebol e do malandro estão relacionados. Estão associados à ideia do brasileiro como um povo descontraído, que aproveita a vida, que se diverte, que tem uma forma singular de levar o cotidiano.

Esses imaginários não são estanques. Eles transitam em diversos períodos da história do país, fazem parte do cotidiano, alimentam estereótipos e evidenciam aspectos não só do povo brasileiro, mas do ser humano. No país, essas características são reforçadas pela mídia, pelos estudiosos, pelo povo em geral, assim se transformam em marca cultural. Se impregnam de tal maneira, que fazem parte do inconsciente.

Há também a presença de mitos. O mito do futuro transita na ideia de que o país prosperaria, assentado na utopia que o Brasil seria uma das maiores potências do mundo. Hoje, o mito da mudança reina. Não se espera mais a promessa de um futuro redentor, mas sim o novo. A mudança. É esperada uma reforma política, como cita Buarque (2013). Também uma punição aos políticos corruptos e a devolução dos valores subtraídos, para serem investidos em demandas sociais. Espera-se que o país tome um novo rumo.

REFERÊNCIAS

- BUARQUE, Daniel. **Brazil: Um país do presente**. São Paulo: Alameda, 2013.
- DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

JORON, Philippe. **Entrevista concedida à autora durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS**, em 16 novembro de 2015.

JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **O Homem e Seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. **Arquétipos e Inconsciente Colectivo**. Buenos Aires: Paidós, 1970.

LEGROS, Patrick; MONNEYRON, Frédéric; RENARD, Jean-Bruno, TACUSSEL, Patrick. **Sociologia do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **O Imaginário é uma Realidade (entrevista)**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v, 1, n. 15, p. 74-82, ago. 2001.

PITTA, Gabrielle Perin Rocha. **Diversidade cultural brasileira e a teoria sobre o imaginário de Gilbert Durand: correspondências e derivações**. Anais do Congresso Internacional do Centre de Recherches Internationales sur l'Imaginaire. Porto Alegre, 2015.

SILVA, Juremir Machado. **As Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. **Anjos da Perdição**. Futuro e Presente na Cultura Brasileira. Porto Alegre: Sulina, 1996.

TACUSSEL, Patrick. **Entrevista concedida à autora durante o Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS**, em 17 novembro de 2015. Tradução de Roberta Simon e Bruno Maya.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, país do futuro**. Rio de Janeiro: Delta, 1960.